

Museu Etnologico, em que se vê o pentalfa: podia ter-lhes juntado os desenhos n.ºs 8, 9 e 10, que publico agora. Ao mesmo artigo podia tambem ter junto o n.º 11, em que se vê o hexalfa<sup>1</sup>.

J. L. DE V.

### Bibliografia

Anais da união dos Amigos dos monumentos da Ordem de Cristo, Lisboa, s. d. (Tipografia do *Anuário Commercial*).

Assim intitulada, recebeu o Museu Etnológico uma publicação, s. d. (creio ser dos fins de 1918), dividida em duas partes: volume I, tomo 1.º, *Memorias e estudos*; volume I, tomo 2.º, *Documentos associativos*. Posto que não apresente nenhum prólogo onde se expliquem ao leitor os intuitos da União, vê-se do contexto que esta está instalada em Tomar, e que procura não só organizar um Museu onde se reúnam objectos da região, e sobretudo do antigo Convento de Cristo, mas arquivar documentos e noticias concernentes á mesma região e cidade. Efectivamente no tomo 2.º, vem já uma lista de objectos coligidos, e no tomo 1.º, alguns artigos historico-arqueologicos.

É do maior alcance scientifico e patriotico a nova sociedade, e pela minha parte lhe dou sinceros aplausos, tanto mais que já por vezes me tenho referido n-*O Archeologo* ás antiguidades tomarenses, por exemplo, no vol. I, p. 13 sgs., no vol. XIX, p. 146 sgs. e no vol. XXII, p. 143 sgs.

Como observação meramente bibliografica, direi que achava conveniente que o tomo 1.º e 2.º se fundissem em um só, porque assim se facilitaria a consulta.

J. L. DE V.

### Necrologia

#### Francisco Tavares de Proença Júnior

De Francisco Tavares de Proença Júnior não escrevo só com a pena do critico e arqueógrafo que saúda respeitoso, para além

<sup>1</sup> As figs. 151, 152 e 156 do *Signum Salomonis* representam campas sepulcrais respectivamente do Museu de Faro, do Museu de Beja, e da aldeia de Santa Margarida do Sado. Aproveito a ocasião para notar que tendo deixado de, por engano, se imprimir a gravura a que corresponde o n.º 161, esta pertence ao artigo intitulado «Coisas velhas», § 110, a).

do túmulo, um colega que foi um trabalhador cheio de méritos: sinto também guiar-me minha mão sobre o papel a verdadeira saúde dum bom amigo, cuja débil compleição a morte andou sempre espreitando mais ou menos encobertamente. Quinze dias antes de Tavares de Proença Júnior se finar, eu recebia d'êle a sua derradeira publicação com a nota affectuosa de *Lembrança do autor*. Foi depois que tive noticia do seu trespasso, eu que ignorava o adiamento da sua doença, que medi toda a sensibilidade daquela dedicatória. Longíssimo da sua Beira Baixa, a sua terra de origem<sup>1</sup> e o campo dos seus primeiros e predilectos estudos, ele enviava-me de Lausanne o adeus dêsse livrinho, talvez ainda um êxtase de esperança, dessa esperança que é o segrêdo da «vida», de que êle inquiria os fundamentos e que se lhe antolhava bem fora do alcance do seu microscópio de trabalho.

Desde muito novo manifestava interesse pelos vestígios da antiguidade; contudo a circumstancia de pertencerem a sua familia os terrenos da estação de S. Martinho e outros convizinhos deve ter-lhe estimulado a paixão archeologica. O que é certo, é que, estudante ainda em Coimbra, em cuja Universidade se matriculava em 1902, aos 19 anos, iniciava-se no *Instituto* (1903, pp. 444 e 572) com as suas primeiras publicações archeológicas *Coisas Velhas*; mas nesse mesmo ano dava-nos o primeiro relatório de explorador de estações arcaicas e aí se entreviam, já de modo acentuado, os seus dotes de método no trabalho e de conciso da exposição (*Antiguidades. I.— Resultado de explorações feitas nos arredores de Castelo-Branco em Setembro e Outubro de 1903, Coimbra ... 1903*).

Incompatível, pelas suas preferências intellectuais com o estudo do Direito e, por outro lado, um tanto rebelde à disciplina das escolas, em 1905 deixava a Universidade, ainda assim com a aprovação no 1.º ano jurídico<sup>2</sup>.

As pesquisas de 1903 tinham-lhe ateado vivamente a chama archeologica, premiando a sua dedicação e bizzarria com dois achados de grande importância. Eram para Tavares de Proença Júnior *un sombre mystère* as duas lápides então exumadas, o que não o impedia de as considerar *objet d'un culte* (*Notice sur deux monuments épigraphiques ... Coimbra ... 1905*).

<sup>1</sup> Tavares de Proença Júnior era lisboeta por nascimento, mas beirão por ascendência.

<sup>2</sup> A 5 anos de distância, ainda flagelava a Universidade Coimbrã com brava critica; veja-se a p. 32 dos *Materiais*, Julho e Agosto de 1910.

Estes monumentos verdadeiramente notáveis davam-lhe ensejo para três opúsculos: primeiro, a comunicação ao Congresso Prè-histórico de França, de Perigueux, a cujo seio Tavares de Proença Júnior levou a surpresa da sua juventude; outro de desfôrço, por uma afirmação menos exacta dum congressista francês (*O Dr. Capitan e a Notice sur deux monuments épigraphiques ... Coimbra 1906*) e o terceiro, a *Separata do Instituto, O Congresso Prè-histórico de França. Nota apresentada ao Instituto de Coimbra ... Coimbra 1906*; deixando anunciado um quarto intitulado *Os monumentos insculptados de Castelo Branco*<sup>1</sup>.

O primeiro destes escritos valeu-lhe as palmas de official da Academia Francesa.

Depois disto, ainda publicou outros opúsculos dos quais, em arqueologia, conheço a *Anta da Urgueira (Beira Baixa) Leiria ... 1909*, modelo de método arqueológico e *Arqueologia do Distrito de Castelo Branco ... Leiria ... 1910*, onde juntou uma carta arqueológica do mesmo distrito, facto merecedor de maior encomio e exemplo digno de ser imitado.

Neste volume dá-nos Tavares de Proença Júnior uma resenha dos seus escritos, que confesso não cheguei a conhecer todos. Neles prometia ainda utilíssimas monografias, que infelizmente a sua fuga de Portugal impediu de elaborar. E assim digo, pois que, tendo saído de cá em Setembro de 1911, para se colocar a coberto de perseguições políticas, só veio a falecer em Setembro de 1916; se tivesse podido permanecer em Castelo Branco, ao lado do seu Museu ou na sua Quinta da Cortiça, em Leiria, Tavares de Proença Júnior não teria esquecido a arqueologia e valiosos serviços teria prestado à sciência das antiguidades portuguesas.

Em 1910 inaugurou a sua revista *Materiais*, de que saíram 3 números até Dezembro desse ano e em que Proença Júnior acentuava a sua grande qualidade de concisão quasi lacónica e se revelava crítico cheio de rude franqueza.

Como documentação dos seus escritos e arquivo patriótico das antiguidades do seu distrito, fundou a expensas suas, em 1910, no edificio de Santo Antonio, um Museu inaugurado em 17 de Abril, onde reuniu o resultado de 8 anos de trabalho. A maior parte dos objectos foi oferecida pelo fundador ao município de Castelo-Branco; a parte

---

<sup>1</sup> Os monumentos figurados de S. Martinho são actualmente três, segundo me informa o Sr. Dr. Paiva Pessoa; o ultimo relaciona-se patentemente com os outros; é um fragmento encontrado depois.

que provinha do espólio das antas do distrito foi depositada, por estar ainda inédita. Para a iniciativa de Tavares de Proença Júnior jamais Castelo Branco terá exageros de aplauso ou sequer de reconhecimento, porque a instituição dum museu é um dos factores que mais rápidamente elevam a instrução dum povo e portanto um dos actos do mais inatacável patriotismo, e da mais inteligente dedicação.

Em 1912 foi a colecção de antiguidades de Castelo-Branco transferida para o vasto edificio, onde estivera instalada a Escola Normal, e tempos depois, novamente se fez a sua mudança para a sua antiga séde, onde ainda se encontra enriquecido com grandes obras de arte do Paço Episcopal, presidindo pessoalmente a estas translações forçadas um amigo de Tavares de Proença Junior e entusiasta albicastrense o Sr. Dr. Manuel de Paiva Pessoa<sup>1</sup>.

Não deve ter sido inofensivo para o débil, embora diligente, organismo de Proença Júnior a forçada separação do que constituía a sua propriedade intelectual, que ele próprio amaria com maior affecto e desvanecimento do que os seus domínios rurais. Mas de todos os tempos é o «mal haver por bem fazer».

Em 1912 a sua precária saúde empurrava-o mais uma vez para a Suíça. Separado da sua Beira, e do seu Museu, Tavares de Proença estrangulou em si a lembrança das suas antas, castros e lápides, e lançou-se nos braços da biologia, sciência sem fronteiras.

Montou a seguir em Lausanne um laboratório de microfotografia e fez trabalhos apreciados pelos especialistas, deixando no prelo estudos sobre fisiologia e microscopia e introduzindo mais que um melhoramento em delicados aparelhos de observação. Dessa sua nova orientação resultou um livro vibrante de convicção adquirida pela sua incansável actividade e pela sua intelligência já robusta: *La Vie*, que eu li com sincera admiração e que era um satirizante adeus à própria vida. A obsessão do trabalho consumia-o.

Parece que, por ter em pouca conta as precauções que a conservação da sua existência lhe impunha, do seu querido exilado a illustre familia, prevenida tardiamente, já não foi encontrar em Lausanne mais que o inesperado e inerte despojo da morte. Em 24 de Setembro de 1916 Francisco Tavares de Proença Júnior extinguiu-se, vítima do seu horror á ociosidade.

Contava 33 anos.

F. ALVES PEREIRA.

---

<sup>1</sup> A este illustrado notário de Castelo-Branco deve esta cidade os resultados da pertinaz campanha, em que salvou para este museu as referidas preciosidades.



## II

## Vieira Natividade

Em 20 de Fevereiro de 1918 faleceu em Alcobaça, sua terra natal, o S.<sup>o</sup>r Manoel Vieira Natividade, a respeito de quem se lê num jornal o seguinte:

«A morte d'êste eminente alcobacense, cuja noticia nos encheu de sincero desgosto porque tambem pessoalmente o conheciamos, não representa apenas para a terra que ele adorava, para a qual tanto trabalhou e que era a sua, uma perda enorme e insubstituivel. Vieira Natividade, sendo o mais prestimoso e illustre cidadão da sua terra, era tambem, e mesmo por esse facto, um portuguez dos que mais mereciam a nossa consideração e admiração enternecida.

Morto quando ainda longe da velhice, ele deixa uma obra de capital importancia para o estudo da arqueologia, da historia, das tradições e da arte na sua provincia, e deixa tambem um exemplo admiravel de labor honrado e fecundo, independente e cheio de fé, digno de um verdadeiro benemerito. Não é esta a ocasião de esboçar sequer a sua biografia. Mas queremos acreditar que Alcobaça está coberta de luto diante da memoria daquele seu filho, que foi o mais fiel e enternecido de quantos a teem honrado.

A obra de Natividade é vasta e variada, mas é nos seus estudos de arqueologia e etnografia que se encontra o grande e autentico valor deste homem de sciência, que era ao mesmo tempo um delicado poeta da natureza, grande amator e cultivador de flores e pomares, aos quais dedicou algumas brochuras notaveis. Entre os seus livros principais, citaremos «Ignês de Castro e Pedro o Cru perante a iconografia dos seus tumulos», «As grutas de Alcobaça», «O Mosteiro de Alcobaça», tendo ainda recentemente publicado n'«A terra portuguesa» um notabilissimo estudo intitulado «O Povo da minha terra».

(*Diario de Noticias*, de 22 de Fevereiro de 1918).

\*

O *Archeologo Português* tambem deveu colaboração a Vieira Natividade, e eu pessoalmente mantive sempre com ele boas relações: por isso, e porque a sua morte representa uma falha sensivel nos estudos archeologicos e etnograficos, não quero deixar passar a ocasião que se me oferece de mais uma vez tributar o meu preito ao labor intelectual de Vieira Natividade. Cf. o que já a respeito do falecido eu escrevêra nas *Religiões*, I, 18 e 40-41, e n-*O Archeologo*, XI, 338-3339. Vieira Natividade possuia em Alcobaça um valioso

museu de Arqueologia, constituído por objectos obtidos por ele proprio em excavações e excursões nos arredores de Alcobaca; ultimamente havia-lhe agregado, como creio, espécimes etnograficos, os quais porém não cheguei a ver.

J. L. DE V.

### III

#### Paul Choffat

«Faleceu ontem<sup>1</sup> sepultando-se hoje no cemitério dos Prazeres, o illustre geologo suiço Paul Choffat, antigo funcionario da nossa Direcção dos trabalhos geologicos, onde era muito estimado pelo seu caracter e seu saber.

Foram notaveis os serviços que prestou, quer no levantamento da carta geologica de Portugal, em colaboração com Nery Delgado, quer no estudo especial de jurassico e cretacio portugueses, sobre os quais publicou importantes memorias. A par disso produziu muitas obras de caracter geral, e artigos de vulgarização dispersos em jornais scientificos, nacionais e estrangeiros. Paul Choffat nasceu em 14 de Março de 1847, na Suíça, em Porrentruy, de uma familia abastada. Muito novo ainda, começou os seus estudos no «Polytechnicum» de Zurich, recebendo com distincção o grau de doutor em sciencias, e entrando pouco depois para aquele grandioso estabelecimento scientifico como professor agregado.

Logo ao terminar o curso, se dedicou ao estudo de geologia e paleontologia, realizando vastos trabalhos de campo. Percurrou a pé e em estudo toda a região que vai de Zurich a Viena, bernal aos hombros e martelo de geologo na mão, e bem asim todo o Jura meridional. A carta geologica, que então realizou dessa região, ficou classica. tendo sido publicada no mapa n.º 11, do Atlas de Geografia, de J. Serhader. Com uma erudita preparação e tão aturados trabalhos de campo, adquiriu bem depressa a reputação de geologo autorizado. Uma afecção de laringe, que não lhe permitia falar por muito tempo seguido, afastava-o do exercicio do magisterio.

Por conselho medico determinara-se a procurar cura dos seus padecimentos nas regiões temperadas da Andaluzia ou da Argelia, quando encontrou Carlos Ribeiro, em Paris, no ano de 1878. Sugeriu-lhe este experimentar clima portuguez, onde efectivamente encon-

---

<sup>1</sup> 6 de Junho de 1919.

trou alivio para os seus incomodos. Sob indicação de Nery Delgado, ofereceu-se então para, oficialmente, estudar o jurássico português.

Mais tarde entrou como geologo contratado para o serviço Geologico de Portugal, onde permaneceu por muito tempo, tendo produzido os mais assinalados trabalhos, como se poderá avaliar da longa e importante lista das suas publicações, entre as quais avultam: os «Estudos estratigraficos e paleontologicos dos terrenos jurassicos de Portugal»; «Estudo geologico do tunel do Rocio»; «Estudo geologico sobre os terrenos sedimentares da Africa portuguesa», e muitos outros trabalhos de importancia. Paul Choffat casou, em 1880, com uma filha do general francês Lagerot, irmão mais novo do outro general do mesmo nome, que, sendo ministro, da guerra ordenou a prisão de Boulanger.

Foi socio correspondente da Academia Rial das Ciências e condecorado com o officialato de S. Tiago. Ultimamente foi-lhe conferido pela Sociedade Geologica de França, de que foi membro, o premio pecuniario e medalha Viquesnel, sendo o primeiro estrangeiro a quem tal distincção foi concedida».

\*

O precedente necrologio, inserido no *Diario de Noticias*, de 7 de Junho de 1919, foi feito por pessoa que estava bem informada da vida do sabio e preclaro geologo, e por isso o transcrevi na integra. Ilustro-o com o retrato que devo á amabilidade da familia.

Quem porém desejar mais amplo conhecimento dos trabalhos scientificos de Choffat tem uma lista d'elles, respectiva ao periodo que vai de 1874 a 1910, a p. 143 sgs. do tomo VII das *Comunicações da Comissão do Serviço Geologico de Portugal*, publicação de que ele foi assíduo colaborador.

Se Paul Choffat, cultivou com o maximo esmero a Geologia, pelo que a sua morte representa grande perda na sciência portuguesa, tambem, embora de passagem, lhe mereceram cuidados os estudos prehistoricos; e é por isso que n-*O Archeologo* se publica o presente artigo.

Trouxe a lume sôbre a nossa Prehistoria o seguinte:

*L'homme tertiaire en Portugal* (nas *Archives des Sciences physiques et naturelles de Genève*, t. IV: separata, 12 pp., 1 est), 1880.

*Industrie préhistorique* (no seu trabalho intitulado *Tunel do Rocio*: 2 pp., 1 est.), 1889.

*Sur une station préhistorique à Obidos et sur la dispersion de l'Ostrea edulis aux temps préhistoriques* (nas *Comunicações*, II, 158-160), 1890.

Tem, de mais a mais, referencias a ela em artigos de outra natureza, biograficos, bibliograficos etc.,

Nas *Comunicações*, IV, 202 sgs., publicou uma análise especial de um livro de Stainier sobre a idade da pedra no Congo, análise adornada de muitas figuras. Foi por causa d'esta atenção que concedia á Prehistoria africana que ele me incitou a publicar a breve nota que appareceu n-*O Arch. Port.*, XVIII, 174-177, á qual o proprio Choffat acrescentou uma linhas *ibidem*, XXI, 366.

Posto que Paul Choffat, por vezes, e com muita insistencia, promettesse dar colaboração á nossa revista, e até tencionasse escrever para ela uma memoria acêrca das regiões portuguezas onde apparece sílex (o que seria muito valioso para a Prehistoria nacional, por constituir essa substancia a materia prima de grande número de instrumentos paleo- e neolíticos), apenas colaborou aqui escassamente: *Archeologo Português*, II, 301; IV, 62; X, 193; XII, 338. O último artigo é reprodução, modificada, d'aquelle que acima mencionei com o titulo de *Industrie préhistorique*.

O Museu Etnologico deve a Paul Choffat alguns objectos prehistoricos, e entre eles a preciosa fôrma de foice da idade do bronze, que foi peritamente descrita pelo D.<sup>o</sup> Joaquim Fontes n-*O Arch. Port.*, XXI, 337 sgs. (com gravuras).

\*

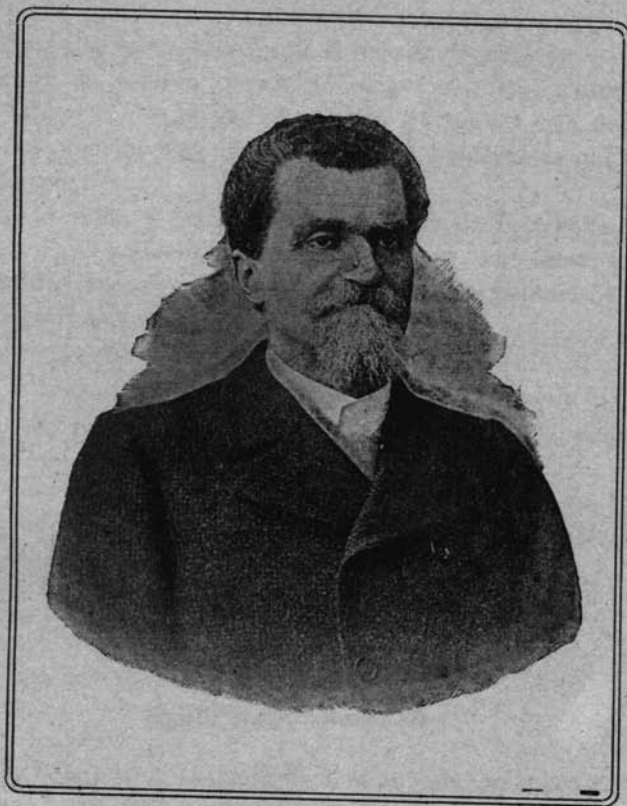
Pena autorizada exporá certamente um dia ao público português todos os serviços que o falecido geologo prestou a Portugal. Quem, tendo frequentado a Comissão Geologica, se não lembra de o ver a todas as horas, de manhã cedo, pelo dia adiante, e ao fim da tarde, sempre entregue á labutação scientifica? Alguem em Portugal trabalhou com mais afínco, ora no gabinete e nos museus da especialidade, ora percorrendo a pé, com um saço ás costas, o campo geologico, para colhêr exemplares de rochas e de fósseis, e estudar os terrenos *in situ*?

Em tempos o Govêrno quis galardoá-lo, como penso, com uma cadeira de Geologia em um dos nossos estabelecimentos de ensino superior: Choffat, que era extremamente modesto, e já tambem andava doente, não aceitou. Pena foi, pois teria, entre os seus jovens alunos, formado acaso discipulos, que continuassem a tradição de homens eminentes, como Pereira da Costa, Carlos Ribeiro, Joaquim Delgado, e outros, de que o nosso país com razão se orgulha.

Lisboa, 1 de Julho de 1919.

J. L. DE V.





Paul Choffat